

Olhar para a filmografia de uma cineasta que admiramos é como abrir um presente quando somos crianças – primeiro acontece a excitação do embrulho, depois o prazer da descoberta do conteúdo.

A ainda curta obra da franco-senegalesa Mati Diop tem dois eixos centrais: os filmes em que a costela africana falou mais alto: *Atlantiques*, *Mille Soleils* e *Atlantique* (os dois primeiros foram exibidos no IndieLisboa, *Mille Soleils* venceu o Grande Prémio em 2014) e os filmes em que a sua costela europeia se mostrou, próxima dos seus *compagnons de route* da Fresnoy, Crotty, Abrantes, entre outros: *Snow Canon*, *Big in Vietnam* e *Liberian Boy*.

O foco no trabalho de Mati Diop surge num momento em que a sua última obra, *Atlantique* (Grande Prémio – Cannes 2019) fecha o ciclo iniciado com a curta *Atlantiques*. Gémeos separados por um “s”, estes filmes não podem (não devem) ser dissociados. Isto porque na curta metragem de estreia, Diop filma jovens a debater a possível fuga de um Senegal sem futuro e na longa metragem estes jovens desaparecem ainda no primeiro terço do filme para se concentrar nas mulheres que ficam. Esta diáspora necessária resulta da impossibilidade de um território que cresce, mas não tem futuro. Falar de política em Diop significa criar um universo sobrenatural que se mistura com a realidade. É trabalhar o tempo, numa lógica de desorientação. E é aqui que o cinema de Diop, herdeiro dos pioneiros do cinema senegalês, Ousmane Sembène e Djibril Diop Mambéty, seu tio, entra na contemporaneidade. As personagens falam wolof como em muitos dos filmes de Sembène e a realizadora cita directamente *Touki Bouki*, como uma clara jóia de família.

O trabalho com os actores é também demonstrativo desta sua dupla condição, realizadora e atriz. A autora não acredita em estereótipos e vai à procura dos seus actores, na sua maioria, amadores. É neles que faz o seu investimento emocional, porque as personagens são tão verdadeiras que doem.

O cinema de Diop não tem fronteiras de género ou duração. Os filmes são o que pedem. Por isso, no meio há duas médias metragens, *Big in Vietnam* e *Snow Canon*, com temáticas muito diferenciadas que estrearam ambas no Festival de Roterdão no mesmo ano. Em *Big in Vietnam* começamos a pressentir o seu cinema de fantasmas, de evocação das memórias dos espaços e da presença da sua cinefilia, já *Snow Canon* parece feito paredes meias com Benjamin Crotty, onde o terreno da ficção narrativa entra por problemáticas do cinema de género, assim como *Liberian Boy*, que entra no domínio da narrativa coreografada só com um actor.

A questão do corpo é outra das suas problemáticas. Os corpos-objecto, -desejo, -trabalho são manifestações fortes de uma espécie de busca sensorial que também pressentimos em Claire Denis, com quem Diop trabalhou. A enorme Mati já fez isto tudo numa filmografia tão curta. Que virá a seguir?

Miguel Valverde





Looking at a filmmaker's filmography, someone we admire, is like opening a present when we are children – first comes the excitement of the package, then the pleasure of the discovery of its content.

Franco-senegalese Mati Diop's (still) emerging work has two central axes: the films in which her African side speaks louder: *Atlantiques*, *Mille Soleils* and *Atlantique* (the first two screened at IndieLisboa, *Mille Soleils* winning the Short Film Grand Prize in 2014) and the films in which her European side was shown, close to her *compagnons de route* of Le Fresnoy, Crotty and Abrantes, among others: *Snow Canon*, *Big in Vietnam* and *Liberian Boy*.

The focus on Mati Diop's work comes at a time when her latest work, *Atlantique* (Grand Prix – Cannes 2019) closes the cycle started with the short *Atlantiques*. Twins separated by an "s", the films cannot (should not) be dissociated. This is because in her debut short Diop films young people debating a possible escape from a Senegal with no future and in the feature film these young people disappear in the first part of the film, while she focuses on the women who stay. This necessary diaspora results from the impossibility of living in a territory that grows without a future. Speaking of politics in Diop means creating a supernatural universe that mixes with reality. It means working with time, in a logic of disorientation. And this is where Diop's cinema, heir to the pioneers of Senegalese cinema, Ousmane Sembène and Djibril Diop Mambéty, her uncle, comes into contemporary times. The characters speak Wolof as in many of Sembène's films and the director directly mentions *Touki Bouki*, as a clear family jewel.

The work with the actors is also a demonstration of her double condition, as director and an actress. Diop does not believe in stereotypes and searches for her actors, mostly amateurs. She makes her emotional investment in them, because the characters are so real that we feel their pain.

Diop's cinema has no genre or duration boundaries. The films follow their flow. So, in the middle we find two medium-length films, *Big in Vietnam* and *Snow Canon*, with very different themes, that premiered at Rotterdam Festival in the same year. In *Big in Vietnam* we start to envision her cinema of ghosts, evoking the memories of spaces, and the presence of her cinephilia. *Snow Canon* seems to be a shared construction with Benjamin Crotty, where the domain of narrative fiction enters into the problematics of genre cinema, as well as *Liberian Boy*, entering the domain of a choreographed narrative with only one actor.

The issue of the body is another recurring issue. The bodies-object, -desire, -work are strong manifestations of a kind of sensory search that we also find in Claire Denis, with whom Diop worked. The tremendous Mati has done all this in such a short filmography. What will come next?

Miguel Valverde



Atlantique



Big in Vietnam



Mille soleils



Snow Canon

● ●
ATLANTIQUE

ATLANTICS

Mati Diop, França·Senegal/Bélgica·France/Senegal/Belgium, fic., 2019, 106'

29 SÁB/SAT, 21:50, CINEMA SÃO JORGE SMO · C. 125 🐾

Trabalhadores de uma obra na capital do Senegal não recebem há meses. Um deles, o jovem Souleiman, decide atravessar o oceano em busca de uma melhor vida. Ada, de 17 anos, apesar de prometida a outro homem, espera o regresso do seu amor. Inspirada na figura de Penélope, mas também em Romeu e Julieta, *Atlantique* é um conto de espíritos, traumas e crescimento. Grande Prémio do Júri do Festival de Cannes de 2019.

Workers of a building site in Senegal's capital don't get paid for months. Souleiman, one of them, decides to cross the ocean in search for a better life. 17-year-old Ada, despite being promised to another man, waits for the return of her love. Inspired by the figure of Penelope, but also Romeo and Juliet, *Atlantique* is a tale of spirits, trauma and growth. Cannes Grand Jury Prize of 2019.

● ●
MATI DIOP 1

61'

27 QUI/THU, 19:15, CULTURGEST PA · C. 537 🐾

ATLANTIQUES

Mati Diop, França·France, doc., 2009, 16'

Realizado quando ainda estudava cinema na Le Fresnoy, este documentário serviu de inspiração para a sua primeira longa metragem. Um relato de desejo de travessia do oceano

por um grupo de amigos senegaleses, uma viagem que pode bem ser entre a vida e a morte.

Directed while still attending Le Fresnoy film school, this documentary was the inspiration for the director's first feature film. A group of Senegalese friends that aspires to cross the ocean, in a journey that may also be between life and death.

● ●
MILLE SOLEILS

A THOUSAND SUNS

Mati Diop, França/Senegal·France/Senegal, doc., 2013, 45'

Mille Soleils, vencedor do IndieLisboa em 2014, conta o regresso da realizadora ao Senegal, revisitando dois atores do filme *Touki Bouki* (1971), realizado pelo seu tio, Djibril Diop Mambéty. Memórias reais e liberdades de ficção, o cinema e/é a sua família.

Winner of IndieLisboa in 2014, *Mille Soleils* is about the return of the director to Senegal to revisit two actors of the film *Touki Bouki* (1971), directed by her uncle, Djibril Diop Mambéty. Real memories, fiction liberties and cinema as family.

● ●
MATI DIOP 2

68'

28 SEX/FRI, 21:45, CULTURGEST PA · C. 539 🐾

LIBERIAN BOY

Mati Diop/Manon Lutanie, França/Canadá·France/Canada, fic., 2015, 5'

Um rapaz dança e imita Michael Jackson perante a música electrónica de Wilbert Gavin. Improvisação, libertação e energia.

A young boy dances and imitates Michael Jackson, while listening to the electronic music of Wilbert Gavin. Improvisation, release and energy.

● ●
SNOW CANON

Mati Diop, França·France, fic., 2011, 34'

A primeira ficção de Diop ergue-se sob uma outra "travessia": o crescimento de uma adolacente francesa. Vanina, a passar férias nos Alpes franceses, deseja estar com a melhor amiga, mas é com Simon e Mary Jane, seus *babysitters*, que procura uma conexão.

Diop's first fiction is about another "journey": the coming of age of a French teenager. Vanina is spending holidays in the French Alps and wishes to be with her best friend. But it's with Simon and Mary Jane, her babysitters, that she seeks for a connection.

● ●
BIG IN VIETNAM

Mati Diop, França·France, fic., 2012, 29'

Uma realizadora francesa de origem vietnamita deserta o *plateau* onde rodava uma versão de *Ligações Perigosas* para subir a bordo de um barco fantasma. Depois de *Atlantiques*, Diop voltou com este filme a vencer o prémio de melhor curta-metragem no festival de Roterdão.

A French-Vietnamese director deserts the movie set where she was filming a version of *Dangerous Liaisons* by Laclós, to board a ghost ship. After *Atlantiques*, Diop wins again best short film at Rotterdam Festival with this fantasy.